

DISCUTINDO MASCULINIDADE ATRAVÉS DA *PLAYBOY**Helena Christina B. Gonçalves**Iracema Munarim**Michelle Carreirão Gonçalves¹*

Resumo: Continuamente são difundidos, através da mídia, estereótipos de beleza, com regras a serem seguidas para manter o corpo em forma, além de recursos disponíveis no mercado para alcançar a imagem de corpo ideal. O corpo masculino tornou-se grande alvo de empresas, principalmente as que possuem relação com a imagem deste sexo. Procuramos entender a construção deste corpo através da análise de uma revista masculina, a *Playboy*, além de identificar quais os conceitos sobre masculinidade presente nas literaturas analisadas, que deram um maior embasamento para a realização desta pesquisa. Utilizamos exemplares desta mesma revista no período de Outubro de 2002 à Maio de 2003.

Palavras-chave: corpo – masculino - mídia

Abstract: Continuing are diffuse through media, beauty stereotypes, with rules to be followed to keep the body in shape, although available recourse in business to achieve the “ideal body” image. The masculine body became a big target of enterprises, principally the ones that have relation with the image of that sex. We try to understand the builtness of this body through analyses of a masculine magazine, *Playboy*, although identifying what are the concepts of masculinity in analyzed literatures, that brought us the biggest knowledge for the realization of this research. We took use of exemplars of this magazine from the period of time October 2002, to May 2003.

Key words: body - male - media

Introdução

Um bom exemplo de meio de comunicação que atinge grande parte da população masculina é uma revista destinada, especificamente, para este público, conhecida no mundo inteiro pelo nome *Playboy*. Seu conteúdo abrange desde matérias sobre comportamento, humor e moda à cenas de total nudez feminina, sendo a faixa etária permitida para sua compra somente a partir de 18 anos. Publicada no Brasil mensalmente pela Editora Abril há 29 anos, *Playboy* consolidou-se como referência para o público masculino, sendo seus leitores representados 77% por homens e 23% por mulheres (PIRES, 1999).

No que diz respeito ao conteúdo da revista, podemos afirmar que fotografias de mulheres nuas ou seminuas compõem a maior parte da revista, porém, temas como sexo, lazer, erotismo, personalidades, dinheiro, moda, propaganda (de veículos, tecnologia e bebidas) e esporte são também assuntos abordados. Suas capas tradicionais mostram, geralmente, mulheres no auge da fama (celebridades?) em fotos seminuas, carregando mensagens que deixam subentendido, ao leitor, que aquele corpo ali exposto estará em imagens de completa nudez e sensualidade no interior da revista. Os nomes das “donas” dos corpos expostos recebem maior destaque na capa do que os conteúdos em si, tornando tradição a disputa entre as capas de revista mais vendidas durante o ano.

Sobre o formato da revista, , o diretor de redação de *Playboy*, Ricardo Setti (citado por PIRES, 1999, p.62), disse o seguinte:

¹ Acadêmicas do curso de Educação Física da UFSC, bolsistas do Programa Especial de Treinamento (PET/EF/UFSC).

A *Playboy* segue adaptando a condições brasileiras uma fórmula muito específica de revista, inventada pelo Hugh Hefner nos EUA na década de 50, fórmula bastante peculiar que mistura alguns ingredientes de interesse do homem. Não é uma revista erótica sobre erotismo ou sexo. É uma revista que coloca o sexo numa posição privilegiada, por constatar que isso é uma verdade entre os leitores homens, mas envolve vários outros aspectos, que eu chamo de “pilares de credibilidade”. Primeiro, um bom jornalismo. (...) Outro pilar importante de *Playboy* é a prestação de serviços. Nós somos, também, a principal referência na imprensa brasileira sobre moda masculina. *Playboy* tem, também, o guia de hotéis, guia rigoroso, jornalisticamente falando, sem nenhum interesse comercial. Outro ponto forte da revista é a utilização de ilustração de boa qualidade, da utilização de trabalhos de artistas gráficos de alto nível ou famosos. Finalmente, mais dois pontos que caracterizam esta fórmula que o Hefner concebeu e que nós adaptamos. Um seria o humor, expresso não apenas pelos cartuns, pelas historietas, pelas piadas. Como último ponto desta forma bastante peculiar a ficção, que ultimamente, desapareceu da imprensa mundial, com exceção de algumas revistas especializadas.

Na revista, a masculinidade está mais relacionada ao homem em boa condição financeira, independente e bem sucedido. A imagem representada nas revistas analisadas é diferente daquela tradicional, caracterizada pela resistência à dor, pelo homem extremamente forte fisicamente. Encontramos nos exemplares, a imagem de um homem mais sensível e autoconfiante.

Para entendermos o corpo masculino, é necessário compreender como se dá a construção deste, que pode ter múltiplos significados. Através da revisão bibliográfica sobre este tema, podemos observar que há três questões relevantes no que diz respeito ao corpo masculino: i) o desprezo à dor, ii) a estética *versus* a performance e iii) o homoerotismo.

I – O desprezo à dor

Na primeira questão, podemos afirmar que, em algumas culturas, os rituais de passagem para a fase adulta consistem em experiências dolorosas, baseadas em torturas físicas, dedicadas, na maioria das vezes, ao sexo masculino. A isso, explica-se que o mesmo deve provar à sua tribo que possui capacidades para ser um bom caçador, defender seus semelhantes como um bom guerreiro e sustentar sua família ou aqueles que o rodeia. Segundo GASTALDO (1995, p.217),

a resistência à dor como prova de virilidade é comum a várias culturas, que usualmente submetem seus jovens, sobretudo indivíduos masculinos, à tortura, em rituais com o objetivo de, além de avaliar a resistência pessoal do indivíduo, proclamar seu pertencimento social; (...) através do sofrimento suportado silenciosamente, a tribo ensina sua lei ao indivíduo, utilizando-se de seu corpo, que portará para sempre as marcas desse pertencimento social. A partir deste ritual, o iniciado adquire um novo *status* perante seu grupo.

Além destes fatores, esta provação também se dá no meio social masculino, onde podemos observar esta construção com mais frequência nos esportes, como por exemplo, no Boxe e no Rúgbi. Os pugilistas (assim como outros esportistas de combate), *"devem aprender a controlar e conviver com o desconforto físico, com a dor e com os ferimentos"*, pois *"para o lutador profissional, a dor é um correlato inevitável do exercício profissional adequado, e um meio indispensável para atingir os fins perseguidos"* (WACQUANT, 1998, p.82).

Já no Rúgbi, um esporte coletivo semelhante ao Futebol Americano, também é possível perceber esta construção corporal através da dor: *"há, evidentemente, além do esforço físico, muita dor envolvida num jogo de rúgbi (...). Mas essa dor é vivenciada (...) com uma certa dose de prazer; as cicatrizes são exibidas com orgulho"* (RIAL, 1998 p.235).

Em uma das sessões encontradas na revista *Playboy* (edição 328, novembro 2002, p. 114-115) denominada “Corpo”², encontramos uma matéria intitulada “Coisa de Macho”. Esta tenta quebrar o tabu de que cirurgias plásticas, lipoaspiração, implantes de silicone, botox, entre outras formas de obter significativas mudanças na forma corporal, são destinadas apenas ao público feminino. A afirmação de que “*você só precisa ter disposição, vaidade e dinheiro para enfrentar o tratamento. E principalmente coragem!*” demonstra o lado “viril” dessas intervenções, onde realmente precisa ser “macho” para poder enfrentar tantos “cortes e agulhadas” no corpo para o alcance da beleza.

II - Estética *versus* performance

No segundo ponto analisado, podemos separar os praticantes destas práticas corporais em dois grupos: os atletas e os fisiculturistas. O primeiro não descarta o embelezamento corporal; porém, o vê como consequência para a melhora do desempenho. “*Exibir um físico firme, rijo, belicoso no ringue torna-se uma questão de intenso orgulho, tanto pessoal quanto profissional*”, pois “*a associação íntima entre porte corporal e trabalho corporal é uma outra maneira de comunicar a fusão da estética e da pragmática do pugilismo*” (WACQUANT, 1998, p.81). Afirma ainda que uma concepção tão instrumentalista não exclui completamente preocupações de ordem estética; pelo contrário, ela as subordina à eficiência técnica. Segundo Gastaldo (1995, p.214) “*a finalidade estética do full contact, (...) confunde-se com um ideal de perfeição técnica a ser buscado, de modo a otimizar a utilização do corpo para a luta. A construção do corpo, neste sentido, não é um fim em si, mas um meio de atingir este objetivo...*”.

Sobre o segundo grupo (fisiculturistas), percebemos que este não está tão vinculado à prática esportiva e sim, à execução de outras atividades corporais, mais especificamente a musculação. Tendo como base esta forma de treinamento, surge o fisiculturismo que “*se configura na exposição estática e fragmentada de corpos adornados de músculos artificialmente bronzeados, lubrificados e devidamente depilados, que travam suas disputas através de ‘pesados duelos de imagem’, lutas de aparência sem contato físico...*” (FRAGA, s/d, p.4). Assim, percebemos que o principal motivador desta prática é a estética. O estilo de vida “esportivo” é visto como indicativo de saúde e beleza através dos músculos delineados, expandindo-se sobre a admiração do corpo esbelto e torneado, facilitada através de roupas com recortes que coloquem os músculos em evidência, demonstrando que “*a exposição (dos músculos) é sua regra, sua razão de ser*” (COUTO, 2000, p.162). A mídia então aparece como um grande eixo articulador dessa procura interminável do corpo perfeito.

III – O homoerotismo

Apesar desta grande preocupação dos homens em mostrarem-se másculos e viris, há entre eles uma espécie de atração pelo seu semelhante. Durante as práticas corporais, isto se torna perceptível. Podemos fazer esta afirmação com base em três textos sobre Rúgbi, Boxe e Musculação, em que a masculinidade destes homens quase cruza a linha do homossexualismo, o que torna a questão de masculinidade dos mesmos um tanto quanto confusa. Um bom exemplo disso pode ser observado em RIAL (1998, p. 236), que escreve

² Sessão que não tem regularidade mensal.

sobre Rúgbi e o trote a que os novatos são submetidos: "(...) lá se faz o chupa-chupa. Os jogadores veteranos se revezam para chupar o pescoço do novato, que acaba marcado pelos chupões, ou seja, feminizam o iniciante, pois daí em diante ele será macho e também terá o direito de feminizar outros iniciantes, colocando -se numa situação hierárquica supostamente superior aos outros homens".

Já no caso dos pugilistas, estes devem concentrar sua tensão sexual recolhida para o adversário no ringue, *"em vez de desejar sua companheira feminina, deve ansiar por seu oponente masculino e pelo momento culminante em que finalmente o acolha numa batalha"* (WACQUANT, 1998. P. 92). Nos ambientes onde o objetivo principal dos frequentadores é o modelamento corporal – academias, especificamente -, o homoerotismo transforma-se numa expressão da admiração de alguns homens pelos corpos de outros, que desejam se igualarem a estes. Segundo SABINO (2000, p. 85) *"os fisiculturistas são mais admirados pelos homens como símbolo de força"*. Para o autor, em relação aos praticantes de musculação, o motivo de tanta malhação não é para agradar as mulheres, mas sim os outros homens: *"Eles se preocupam mais com a busca de aceitação entre seus pares por meio do poder da simbologia da forma física do que em exercitar-se especificamente para agradar as mulheres (...) a competição diária se constrói por intermédio do olhar lançado ao corpo do outro e da comparação de formas"*.

Na verdade, o resultado desta "atração" por seus pares faz com que os homens alcancem melhor seus objetivos, estejam estes relacionados com o aprimoramento da performance esportiva ou com o aprimoramento estético, reforçando assim, suas identidades masculinas.

Considerações Finais

Em contraponto ao homoerotismo, nas revistas *Playboy* analisadas há uma maior ênfase nos aspectos eróticos em relação à conquista sexual do homem sobre a mulher. O sexo e o amor são retratados como coisas independentes, pois se valoriza o consumo sexual extraconjugal. Com relação à conquista, para que esta ocorra é necessário que se crie uma imagem de homem moderno, que deve ser mais sentimental e menos machista. Podemos perceber que há muitas matérias voltadas para este aspecto, existindo uma sessão especializada neste assunto, denominada "Coisas de Homem" (presente em todas as revistas analisadas). Esta sessão nos chamou a atenção, primeiramente, pelo título e, a seguir, pelo conteúdo exposto mensalmente pela mesma. Ela traz, em sua forma, aspectos relacionados ao comportamento masculino além de outras pequenas reportagens que podem interessar a este sexo, que estão sempre (ou quase sempre) relacionadas ao jogo de sedução.

Através da análise das revistas masculinas, observamos a indicação de um conjunto de cuidados com beleza, que antes eram referidos apenas para o sexo feminino, a uma cultura que valoriza a promoção dos músculos, do corpo perfeito, da saúde e vitalidade, apresentando constantemente novas terapias, cirurgias, implantes e experimentos, capazes de revolucionar a corporalidade existente, tanto em mulheres como em homens.

Referências:

COUTO, Edvaldo Souza. *O homem satélite: estética e mutações do corpo na sociedade tecnológica*. Ijuí:: Ed. UNIJUÍ, 2000.

FRAGA, Alex B. Anatomias de consumo: investimentos na musculatura masculina. *Educação e Realidade*, v. 25, n. 2, p. 135-150, jul/dez. 2000.

GASTALDO, Édison L. A forja do homem de ferro: a corporalidade nos esportes de combate. In: LEAL, Ondina F. *Corpo e Significado: Ensaios de Antropologia Social*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1995.

PIRES, André. A Batalha Contra o Tempo: relações com o corpo tendo em vista o processo de envelhecimento em Claudia e Playboy (anos 80 e 90). Encontro Anual da ANPOCS, 23, GT Pessoa, Corpo e Doença. *Anais...* Caxambú, MG, 1999.

RIAL, Carmem S. Moraes. Rúgbi e Judô: Esporte e Masculinidade. In: PEDRO, Maria J.; GROSSI, Miriam P. (orgs.). *Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998.

SABINO, César. Musculação: Expansão e manutenção da masculinidade. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). *Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

WACQUANT, Lôic. Os três corpos do lutador profissional. In: LINS, Daniel (org.). *A dominação masculina revisitada*. Campinas: Papirus, 1998.

Edições da Revista Playboy consultadas:

PLAYBOY, São Paulo: editora: Abril nº 318, janeiro de 2002.

PLAYBOY, São Paulo: editora: Abril nº 319, fevereiro de 2002.

PLAYBOY, São Paulo: editora: Abril nº 320, março de 2002.

PLAYBOY, São Paulo: editora: Abril nº 321, abril de 2002.

PLAYBOY, São Paulo: editora: Abril nº 322, maio de 2002.

PLAYBOY, São Paulo: editora: Abril nº 327, outubro de 2002.

PLAYBOY, São Paulo: editora: Abril nº 328, novembro de 2002.

PLAYBOY, São Paulo: editora: Abril nº 329, dezembro de 2002.

Contatos:

Helena C. B. Gonçalves <helenacobain@yahoo.com.br>

Iracema Munarim <iracema_munarim@hotmail.com>

Michelle Carreirão Gonçalves <michelle_carreirao@yahoo.com.br>